

Negociação com o Clube evolui

REALI JÚNIOR
Nosso correspondente

PARIS — Como o casamento entre o Clube de Paris e o governo brasileiro é quase impossível, os dois estão condenados a viver em concubinato. Deverão chegar a um entendimento rapidamente ou pelo menos a um *modus vivendi*, mesmo sem um acordo tácito e público.

Essa é a opinião de importantes áreas financeiras francesas, que ontêm comentaram a evolução das negociações nos últimos tempos. Admitem que o carinho já está sendo desbloqueado. Essas mesmas áreas ilustram a posição *sui generis* do Brasil em relação ao Clube de Paris com a imagem de um casal que vive em concubinato notório, mas sem confessar sua vida conjunta.

Isso porque o Brasil junto ao Clube de Paris encontra-se dos dois lados da barreira, sendo ao mesmo tempo um grande devedor, mas também um importante credor, como, por exemplo, no caso da dívida da Polônia. Além disso, cita-se a intrinsigênciados dois. De um lado o governo brasileiro, não aceitando recorrer ao FMI, e do outro o Clube de Paris, exigindo o cumprimento de uma de suas regras básicas, a que estabelece um acordo prévio com o FMI. Essas mesmas áreas financeiras reconhecem a existência de dificuldades, mas se mostram mais otimistas do que em passado recente.

Quanto à aceitação por alguns países da proposta feita pelo Brasil para reescalonar sua dívida junto ao Clube de Paris, anunciada pelo ministro Dílson Funaro, essas fontes revelam que "a solidariedade entre os

membros do Clube de Paris é total", mesmo se muitas vezes possam existir pontos de vista diferentes.

O Clube de Paris continua só aceitando reescalonar dívidas desde que haja acordo prévio com o Fundo Monetário Internacional, o que dificulta a negociação com o governo brasileiro, mas o objetivo "é encontrar um terreno no qual o desacordo seja o menos grave possível".

Novo posicionamento europeu indica que já se admite uma solução sem que o Brasil tenha que passar obrigatoriamente pelo FMI para reescalonar sua dívida de 8 bilhões de dólares junto ao Clube de Paris, mesmo se publicamente ninguém admitir essa possibilidade. Ontem, informava-se em Paris que os contatos com o Brasil nos últimos tempos têm sido constantes, quase perma-

nentes, tendo em vista a dupla condição desse país junto ao Clube, isto é, de devedor e credor.

A única crítica que tem sido feita é a tentativa de se politizar, por meio da imprensa, esse problema que é tipicamente técnico, segundo a fonte bancária francesa que falou ao **Estado** e **JT**. Essa politização tem-se verificado não apenas no Brasil, mas também na França e mesmo através de jornais norte-americanos. Por essa razão, o ideal seria que as negociações pudessem prosseguir sem que a imprensa alimentasse a polêmica em torno do problema.

APOIO AO PLANO CRUZADO

Três meses após a implantação do Plano Tropical, os meios bancários na França consideram que os resultados são globalmente positivos, mesmo reconhecendo alguns

problemas, entre eles a falta de solução para o déficit público que se tem agravado.

Hoje, há concordância geral na Europa sobre a validade da iniciativa não apenas em relação a seu aspecto técnico de combate à inflação, mas também os aspectos político e psicológico, provocados pela mobilização popular em torno do plano.

Teme-se, no momento, o problema do déficit público que se está agravando com o congelamento das tarifas públicas. Esse bloqueio fará com que o déficit das empresas do setor público aumente. Esse é, segundo acreditam essas áreas, a maior fragilidade do plano brasileiro. De qualquer forma, esses meios financeiros europeus se declararam muito mais otimistas em relação à evolução da situação brasileira do que há alguns meses.